Larissa Ione

Pela Eternidade

6.6 – LORDS OF DELIVERANCE

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

PELA ETERNIDADE

Finalmente, Revenant os encontrou.

A sua mãe. O seu pai.

Levou meses procurando no Sheoul para localizar suas almas, mas finalmente fizera isso. Satanás, aquele desgraçado, os escondera bem. Geralmente, quando anjos ou humanos morrem em Sheoul, suas almas se afastam de perto do lugar onde morreram, tornando-os fáceis de localizar. Mas Satanás havia atado seus pais dentro de uma câmara secreta, sob sua fortaleza maligna, apenas que ele conhecia.

Era uma câmara de horrores projetada para tornar as almas normalmente não corpóreas em Sheoul, sólidas e tocáveis. Mais fácil de torturar.

Reaver estava ao lado dele na entrada da câmara, suas mãos abrindo e fechando enquanto olhava para a pesada porta de ferro. — Agora eu sei o que Reseph sentiu quando você liberou a alma da irmã dele do Sheoul. Não sei o que fazer.

— Eu também. — Era difícil admitir ser ignorante. Ou estar nervoso. Na verdade, Revenant não teria admitido isso a ninguém além de Reaver ou Blaspheme. Como o Rei do Inferno, Revenant não podia mostrar fraqueza a ninguém. Nunca. — E se nossa mãe me odeia? Eu a matei e deixei sua alma sofrer…

— Não, — Reaver disse; sua voz firme, mas suave. — Ela sabia que não havia outra opção, e sabia o que aconteceria com ela. De acordo com Metatron, Mariel sabia que seu sacrifício era para o bem maior. Ela era clarividente, lembra?

Sim, talvez, mas nada disso fez com que Rev se sentisse melhor sobre sua mãe morrendo em seus próprios braços. Por sua própria

mão.

— Você os levará ao céu, certo? Você os levará para onde deveriam ir? — Revenant poderia liberá-los de Sheoul com um mero pensamento, mas isso significava que eles cruzariam o céu sozinhos. Embora esse fosse um processo normal, ele queria que Reaver os escoltasse pessoalmente para o Salão dos Heróis, o paraíso especial que aguardava anjos que morreram nos reinos humano e demoníaco.

— Você tem minha palavra, irmão, — Reaver disse solenemente.

Irmão. Revenant sabia sobre seu gêmeo por quase um ano agora, e ouvir ser chamado de irmão ainda parecia estranho aos ouvidos. Estranho, mas... certo.

— Então vamos fazer isso. — Ele colocou a palma na porta e, instantaneamente, o metal vibrou sob sua mão. Um brilho quente e vermelho se espalhou de onde sua pele encontrou a porta, até que o calor a rolou em grandes ondas pulsantes. Só o fato de que Reaver e Revenant eram o que eram, dois dos anjos mais poderosos que já existiram, permitiram que ficassem ali sem serem vaporizados.

— *Terrok es saeron, es kell un astush!* — As palavras, faladas no antigo Sheoulic, ficaram penduradas no ar como ecos fracos, saltitando as paredes escorregadias do corredor estreito. Eles ficaram cada vez mais rápidos, até que Reaver cobriu seus ouvidos em agonia.

Revenant não sentiu nenhuma de suas dores, o que, sem surpresa, significava que o canto de destrancar a porta era apenas para orelhas malignas. Este foi, talvez, o único momento em que Rev alguma vez ficaria grato pelo sangue de Satanás correr em suas veias.

Finalmente, assim que Reaver caiu de joelhos, o sangue fluindo entre os dedos enquanto ele pressionava suas orelhas, o silêncio caiu e a porta se abriu. O ar úmido e sujo apressou-se, mas não era tão ruim como foi há algumas horas, quando Rev encontrou o lugar

cheio de cadáveres podres e almas torturadas.

Rev agachou na frente de seu irmão. — Você está bem?

— Sim, — Reaver rugiu, levantando seu olhar dolorido para Rev. — Mas caramba, isso doeu. — Ele se pôs de pé, e Revenant veio com ele. — Desculpe, cara, mas eu meio que odeio seu reino.

— O que dizem? — Revenant disse com um encolher de ombros. — É melhor possuir todo o inferno do que alugar uma porção do céu?

Reaver o encarou. — Não há tal afirmação.

— Ah, certo. — Revenant deu a Reaver um soco brincalhão no ombro. — Eu inventei. Talvez isso proceda.

Reaver apenas sacudiu a cabeça loira e seguiu Revenant dentro da caverna. — Então você já esteve aqui? — Ele perguntou enquanto olhava em torno de todas as celas vazias, grilhões não utilizados e dispositivos de tortura solitários projetados para extrair a quantidade máxima de dor das almas; humano, anjo e demônio que Satanás manteve aqui para sua diversão.

Revenant abaixou-se para evitar um dos muitos ossos cobertos de carne pendurados no teto. — Libertei todas as almas esta manhã quando as encontrei. Todos, exceto nossos pais.

— Você disse que não podia abrir a porta da cela deles sem mim.

— Sim. — Um rato do inferno espinhoso correu por seu caminho e desapareceu em um buraco na parede. — Satanás, aquele desgraçado sorrateiro, instalou uma fechadura que requer o sangue de um anjo vivo para abrir.

Reaver lhe lançou um olhar de soslaio quando pararam na frente da porta da cela que Rev acreditava manter seus pais. — Como você soube?

Revenant queria que pudesse dizer que usou suas habilidades superdiscriminadas para descobrir as instruções ocultas de Satanás, ou que havia decifrado habilmente algum enigma crítico, mas a verdade era que uma das almas que Satanás manteve

acorrentadas nesta masmorra revelou o segredo para abrir o bloqueio quando todos os outros truques que Rev tentou falharam.

— Eu sou brilhante, — ele disse simplesmente, e Reaver soltou um bufo duvidoso. — Agora, dê sua mão.

Reaver ofereceu sua palma, e com um corte rápido da adaga favorita de Rev, o sangue brotou. O corte curou instantaneamente, mas o sangue que brotou permaneceu, permitindo que Revenant juntasse uma gota na ponta da lâmina.

— Está pronto?

Reaver assentiu com a cabeça e Rev apertou a mão contra a porta do jeito que fez um momento antes, mas desta vez, enquanto pronunciava o canto Sheoulic, ele deixou o sangue de seu irmão escorrer na pequena fechadura fixada no punho da porta de ferro.

Diferentemente da primeira, o canto não soprou os tambores da orelha de Reaver. Na verdade, o clique suave quando desbloqueada foi francamente desconcertante.

— Huh. — Revenant empurrou a porta, seu pulso chutando com o chiado assustador das dobradiças enferrujadas.

A escuridão e o frio de gelar os ossos os cumprimentaram. Revenant sussurrou um comando de iluminação, e a bola de luz prata cintilou para iluminar no meio de uma câmara que não era maior do que noventa metros quadrados. As inscrições no chão eram destinadas a manter os anjos fora, mas Reaver não parecia afetado conforme corria para os dois seres empalados na parede mais distante.

— Não. Ah... maldição, *não.*

Revenant não tinha certeza de quem gemeu essas palavras, ele ou Reaver, mas enquanto cuidadosamente puxavam as formas fracas de sua mãe e pai das dezenas de estacas que foram empurradas em seus corpos, tudo o que Revenant poderia fazer era pensar que eles deixaram Satanás se safar fácil quando ele e Reaver prenderam o filho da puta pelos próximos mil anos.

Rev embalou cuidadosamente sua mãe em seus braços, seu

coração apertando dolorosamente. Algo estava muito errado. As almas eram praticamente indestrutíveis, e para processar uma completa falta de resposta era... ruim. Muito muito ruim.

— Nós precisamos conseguir ajuda. — Reaver disse, sua voz tão quebrada como Rev nunca ouviu.

— Eles não estarão sólidos em nenhum outro lugar, — Revenant disse, sabendo que Reaver deveria apenas levá-los agora para o céu. Mas droga, uma vez que acontecesse, ele nunca mais os veria. Ele queria falar com eles. Só por um minuto. Precisava que seu pai o conhecesse, e precisava que sua mãe o perdoasse.

— Sheoul-gra, — Reaver respirou. — Eles serão sólidos lá. E Azagoth pode ajudar.

Instantaneamente, eles se materializaram no reino do Grim Reaper, em sua maciça mansão de estilo grego. Uma fêmea ruiva e esbelta se dirigiu para eles, mas Reaver acenou.

— Cat! Traga Azagoth. Rapidamente!

Ela assentiu com a cabeça e saiu correndo enquanto Rev e Reaver baixavam os pais para o chão.

— Por que eles estão assim? — Rev murmurou, gentilmente afastando o cabelo emaranhado de sua mãe de seu rosto e olhando para seu pai. Revenant nunca o viu, mas ele era a imagem esparsa de Reaver e sem dúvida o pai deles.

— Porque alguém apagou a centelha deles. — A voz profunda ressoou para eles no piso de pedra da mansão. Revenant olhou para o macho de cabelos escuros caminhando para eles, com seus olhos esmeralda brilhando, suas enormes asas negras esticadas acima dele. — Alguém muito poderoso.

Como Satanás.

— Você pode ajudar? — Reaver pôs-se de pé, ainda protegendo o lado de seu pai.

Azagoth parou a poucos metros de distância e inclinou a cabeça. — Eu posso.

— Você vai ajudar? — Revenant fundamentou.

O frio sorriso de Azagoth colocou um arrepio no ar. — Isso, — ele disse, — Depende do que vocês podem me oferecer.

Revenant odiava esse cara. Não que ele tivesse tido muitas relações diretas com ele, mas Azagoth nunca fez nada pela bondade de seu coração. Havia sempre um preço.

Sempre.

— Eu lhe darei o que você quiser, — Reaver disse. Azagoth virou para Revenant. — E você?

— Que tal eu não explodir você com um raio sagrado? — Revenant afirmou; ansioso para mostrar o fato de que ele poderia executar as armas Sheoulic e Celestial.

Azagoth pareceu considerar isso. — Excelente. Mas eu também quero o que eu quero.

Rev balbuciou os dentes. — E qual seria, seu desgraçado enigmático?

Um sorriso lento e sinistro se espalhou no rosto de Azagoth. Se Rev não fosse um bilhão de vezes mais poderoso do que este idiota, ele ficaria se cagando agora mesmo.

— Eu quero que vocês dois fiquem me devendo. E quando eu chamar, vocês veem. Vocês me darão o que eu precisar.

— Ou? — Reaver perguntou, muito mais agradavelmente do que Revenant teria.

— Ou você pode levar seus pais ao Céu, onde eles permanecerão assim, — Azagoth disse; seu tom casual. Entediado. O destino de dois anjos aleatórios não significava nada para ele. — Enquanto estiveram em Sheoul, eles foram quase drenados da faísca que mantêm suas almas em existência. Presido Sheoul em todas as questões de alma, o que significa que só eu posso restaurar a saúde de seus pais. Nem mesmo o próprio Deus interferiria com a ordem das coisas. — Ele olhou para os pais imóveis de Rev. — Temos um contrato.

— Tudo bem, — Reaver disse. — Bem jogado. Puxe-me para cá para pagar a dívida.

Revenant xingou. — Sim, — ele rosnou. — Eu também.

Triunfo brilhava nos olhos esmeralda de Azagoth e, quando ele se ajoelhou ao lado dos pais de Revenant, Rev se perguntou quais as consequências de dever um favor a Azagoth. Então se perguntou se ele poderia. Oh, ele era poderoso o suficiente para destruir quase qualquer um em qualquer um dos reinos, mas Azagoth provavelmente tinha alguma proteção celestial de alto nível no lugar. Aqueles no poder não deixariam Azagoth ser destruído. Ele era um jogador crítico na batalha entre o bem e o mal, e todos o queriam do lado deles.

Mesmo que ele fosse um grande babaca.

Azagoth passou a mão sobre o corpo macio de Sandalphon. Franzindo o cenho, ele olhou primeiro para Reaver e depois para Rev. — Desculpe-me. A alma do seu pai é má. Só posso restaurá-lo no Sanctum interno.

O intestino de Revenant afundou rapidamente enquanto Reaver balançava a cabeça. — Isso é impossível. — Ele olhou para Revenant, com os olhos arregalados de desespero. — Diga a ele.

Revenant engoliu em seco e suas palmas ficaram úmidas quando uma conversa que ele teve com um órfão viscoso chamado Gormesh veio em sua mente.

— Revenant, — Reaver soltou. — Ele está errado. Diga a ele que ele está errado.

— Eu queria poder, — Rev grunhiu; sua voz malditamente tensa com derrota. — Mas ele está certo. Nosso pai… — ele respirou fundo. — Ele foi forçado a se alimentar do sangue de Satanás. Foi-nos dito que ele morreu na batalha, mas não é verdade. Ele foi morto em uma experiência fracassada para remover a mancha de Satanás de seu sangue.

Azagoth falou suavemente, quase como se estivesse realmente arrependido pelo que aconteceu com Sandalphon. — Ele morreu como um anjo escuro. A sua alma pertence a mim.

— Você não pode tê-lo. — Reaver aproximou-se de Azagoth, os

dentes descobertos, os punhos apertados, mas Rev se surpreendeu segurando o ombro de seu irmão e afastando-o.

— Ouça-me, — ele disse, surpreendendo-se novamente por ser a voz da razão. — Ele foi alimentado com o sangue de Satanás, assim como eu. Ele não pode ir ao céu. Você sabe disso. Não até Satanás morrer e o sangue dele já não ter influência sobre nossas almas.

Reaver ainda parecia que iria explodir.

— Vamos cuidar dele, — Azagoth prometeu. — Você pode visitá-lo no Sanctum Interior depois. Por um preço, é claro. — Claro. Ele estalou os dedos, e meia dúzia de griminions passaram por eles do outro lado e arrancaram o corpo de Sandalphon antes de desaparecer no chão. — Eu vou vê-lo novamente em alguns minutos. Agora a sua mãe... — ele tocou a testa dela e se endireitou, suas asas ainda aninhadas acima de seus ombros. — Feito. Mas ela não pode ficar aqui por muito tempo. Ela está fraca, e só piorará enquanto estiver em Sheoul. Ela precisa do céu para curar completamente. Então, depressa. Sempre é bom fazer negócios com vocês dois.

— Meus meninos.

Reaver e Revenant se dirigiram para a fonte da voz. Rev sequer viu Mariel desaparecer de onde estava deitada no chão na frente dele. Mas agora lá estava ela, de pé na grama verdejante e usando apenas um simples vestido branco. Ela estava pálida, muito magra, com o cabelo cheio, e risos... da maneira que a viu pela última vez.

— Mãe, — ele ofegou, correndo para ela. Ela se sentia tão bem em seus braços, sua presença aquecendo-o por dentro. Os olhos dele picaram e sua garganta se estreitou, mas isso era o que ele sonhara por tantos séculos. — Desculpe, — ele sussurrou. — Sinto muito. Eu deveria ter encontrado você mais cedo. Deveria encontrar uma maneira de salvá-la.

— Shh. — Ela se afastou para que pudesse olhar diretamente em seus olhos, sua expressão determinada, seus lábios curvados em um sorriso gentil. — Tudo é exatamente como deveria ser.

Ele a abraçou novamente, mais apertado desta vez, tão apertado que ele teve que fazer um esforço para afrouxar seu aperto para que não a esmagasse. Ele não sabia quanto tempo a segurou assim quando finalmente percebeu quão egoísta ele estava sendo.

Reaver nunca a viu, até agora.

Relutantemente, ele afastou e observou, tremendo, enquanto Reaver e sua mãe se encaravam, os olhos vazios, as mãos tremendo. E então, como dois pedaços de um quebra-cabeça, eles se abraçaram como se nunca estivessem separados.

Posteriormente, Revenant não conseguiria se lembrar de tudo o que aconteceu a seguir, mas ele sabia que foi uma tempestade de recuperar o atraso, desculpas e lágrimas. Mas muito cedo, o aviso de Azagoth alcançou Mariel, e ela começou a balançar.

— Vou levá-la para o Hall dos Heróis, — Reaver disse, arremessando o braço em torno dos ombros dela para mantê-la firme. Ele parecia esfarrapado e exausto, mas tão feliz como Rev jamais o viu. — Vejo você depois.

Revenant a abraçou mais uma vez, apertando-a, sabendo que ele não a veria novamente. Não até que Satanás estivesse morto e ele pudesse pisar no céu, e ser permitido entrar na pequena fatia do céu onde os anjos mortos viviam com felicidade.

— Eu te amo, Abaddon, — ela sussurrou em seu ouvido, usando seu nome, o nome que ela tirou de Sheoul escrito dentro do cobertor de Reaver, pela primeira vez. Parecia bonito vindo de seus lábios. — Estou tão orgulhosa de vocês. Vocês se tornaram mais do que eu esperava. Não posso esperar para vê-lo novamente. E não se preocupe com o pai de vocês. Vocês conseguiram suas habilidades e determinação dele. Ele voltará para nós algum dia. Vocês verão. — Ela se afastou e colocou uma mão na bochecha de Rev e a outra na de Reaver. — Enquanto vocês tenham um ao outro, tudo ficará bem. Isso, eu juro pela minha alma.

Ela sorriu, e naquele momento, Revenant entendeu que ela estava compartilhando o futuro com ele. Ela sabia. Sempre soube.

Como se um grande peso fosse tirado de seus ombros, seu coração disparou e, enquanto observava Reaver levar sua mãe para o Céu, percebeu que, tão feliz como estava com sua vida e seu amor, Blaspheme, sempre houve uma coisa suspensa nele. Esta culpa que ele carregava com o papel que desempenhou no constante sofrimento de sua mãe.

— Obrigado, mãe, — ele murmurou. Ela lhe deu tantos presentes... ela lhe deu vida, proteção, amor. E agora lhe deu a liberdade de viver aliviado do pesar.

Que vida extraordinária era essa. Ele não podia esperar para experimentar mais disso, e com Blaspheme ao seu lado, só poderia melhorar.